

Professora da Universidade de Coimbra

# A guerra sudanesa “é, sem dúvida, um conflito de influência internacional”

## Entrevista

António Rodrigues

**Daniela Nascimento** Está pessimista em relação a uma saída para o conflito e a “um desagravamento da situação humanitária”

Daniela Nascimento, professora de Relações Internacionais da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, doutorada com uma tese sobre resolução de conflitos e consolidação da paz no Sudão, diz que a conferência de Paris foi “mais simbólica” que outra coisa, apesar das promessas de ajuda no valor de dois mil milhões de euros. “Os apelos têm sido poucos, a mobilização tem sido pouca, tem-se ouvido falar pouco do conflito no Sudão, em virtude, obviamente, de um foco mediático muito mais direccionado para outras guerras, outras crises, nomeadamente a de Gaza.”

**O Gabinete da ONU para a Coordenação Humanitária (OCHA) diz que dos 2,7 milhões de dólares pedidos pelas Nações Unidas para auxílio humanitário aos 24,8 milhões de sudaneses que enfrentam a insegurança alimentar, entre eles os 8,6 milhões de deslocados e refugiados do conflito, apenas tinham conseguido angariar 6% dessa verba até 15 de Abril, o que é preocupante.**

Sim, é preocupante e, infelizmente, tem sido uma tendência recorrente naquilo que é a resposta a crises humanitárias da actualidade. Os apelos são muitos, as agências humanitárias, em particular as das Nações Unidas, não deixam, obviamente, de sublinhar a necessidade de mobilizar esses recursos, que são fundamentais, mas depois esses apelos esbatem-se face a outras prioridades que limitam a capacidade de actuação das organizações no terreno. Que é já difícil, tendo em conta as circunstâncias de grande insegurança e de grande instabilidade. Várias agências humanitárias, que se viram obrigadas a sair do território sudanês, estão agora a tentar dar algum tipo de resposta humanitária nas fronteiras vizinhas, para onde fugiram muitos sudaneses. Os números apontam para cerca de

dois milhões de refugiados, maioritariamente concentrados em países como o Chade e o Sudão do Sul, que estão, eles próprios, a braços com dificuldades, violência e instabilidade.

Portanto, as circunstâncias não são nada favoráveis para a população sudanesa, que se vê, mais uma vez, numa circunstância de enorme vulnerabilidade, enorme pressão e, obviamente, de perseguição que põe em causa a sua sobrevivência diária.

**Havia milícias do Darfur que se tinham mantido neutrais desde o princípio do conflito. Na quinta-feira, os dois principais grupos armados, ligados ao governador do Darfur e ao ministro das Finanças, declararam o fim dessa neutralidade e o apoio às forças do Exército sudanês. Isto irá contribuir para agravar ainda mais o conflito?**

Estou muito pouco optimista relativamente aos desenvolvimentos no curto e médio prazo no Sudão, tanto do ponto de vista do que são as tentativas, recorrentemente fracassadas, de cessar-fogo, como de início de conversações para a paz. Nenhuma das partes está disponível para isso, nenhuma quer ceder, pelo contrário, tem-se vindo a assistir à radicalização de posições de parte a parte.

Em relação ao Darfur, na realidade, desde 2003 e do genocídio que nunca ficou verdadeiramente pacificado e estabilizado. Portanto, todas as dinâmicas de instabilidade e de violência foram agora reavivadas com o início da guerra a 15 de Abril do ano passado. Há uma ligação muito forte ao Darfur de um dos lados da guerra, nomeadamente as RSF, historicamente envolvidas na desestabilização da região.

A violência que se tem verificado nos últimos meses no Darfur é preocupante, com alegações de violações em massa, do uso da violação como arma de guerra contra comunidades do Darfur. As notícias de que estas partes até aqui neutrais deixaram de o ser e passam a estar activamente envolvidas na guerra não trazem bons indícios do ponto de vista daquilo que será o desenvolvimento do conflito. Teremos mais guerra, mais violência, mais crimes a serem

cometidos, mais violações a serem cometidas contra a população sudanesa, em particular no Darfur.

**Até que ponto este conflito tem influência internacional?**

É, sem dúvida, um conflito de influência internacional. Aquilo que se vive hoje no Sudão é o resultado de um processo longo, moroso, muito conturbado desde o início, do ponto de vista daquilo que foram dinâmicas de guerra, de violência interna, sempre influenciadas por dinâmicas regionais e internacionais.

Houve um tempo de algum investimento internacional na estabilização e na resolução do conflito no Sudão, nomeadamente do conflito Norte-Sul, que teve um fim formal em 2011 com a assinatura de um acordo geral de paz. A partir daí a comunidade internacional desligou-se, e isso, em grande medida, contribuiu para uma degradação das condições políticas, económicas e sociais.

E desde aí todas as dinâmicas internas têm sido também influenciadas a partir de fora. A guerra que hoje se vive no Sudão, entre duas forças que disputam o poder e que estiveram directamente envolvidas nos vários momentos de tentativa de

transição de poder – desde o Darfur, do fim do regime de Omar al-Bashir, em 2019, na sequência de manifestações e de uma revolução civil –, está a ser apoiada a partir de fora.

Temos a Arábia Saudita envolvida, temos o Qatar, os Emirados Árabes Unidos. Temos, por outro lado, as Forças de Apoio Rápido a serem apoiadas no terreno pelo grupo Wagner, tendo como contrapartida o acesso às minas de ouro do Sudão.

**A coordenadora humanitária residente da ONU no Sudão, Clementina Nkweta-Salami, dizia na declaração que assinala um ano de conflito que, “apesar de todos os horrores a que já assistimos no Sudão, a verdade é que o pior poderá estar para acontecer”. Partilha desse temor?**

Sim. Infelizmente não antevejo nenhum tipo de desagravamento da situação humanitária, por causa da ausência de atenção internacional, que não se pode esgotar numa simbólica reunião em Paris, mobilizando algum apoio financeiro para a assistência humanitária, que será sempre limitada do ponto de vista daquilo que são as necessidades estruturais de resposta a este conflito. A crise humanitária só termina, só se combate, com verdadeiros esforços e compromissos, com a paragem do conflito, com a cessação das hostilidades e com o início de processos negociais.

Ao mesmo tempo, creio que esse cenário é difícil e, para mim, muito pouco concretizável. A acontecer, vai replicar aquilo que eu considero pouco sustentável, que é a tendência da comunidade internacional de se sentar à mesa das negociações com os responsáveis pela guerra, com os responsáveis pelos crimes cometidos, pela situação humanitária desastrosa, sem qualquer tipo de mecanismos de responsabilização e que irão resultar numa paz podre que mais cedo ou mais tarde poderá resvalar novamente para o conflito.

Foi o que aconteceu no Sudão do Sul, recordemos, onde após a independência o processo de transição para a democracia quase imediatamente resvalou para um novo conflito civil, com uma situação humanitária também muitíssimo dramática e da qual também ninguém fala actualmente.



**Temos a Arábia Saudita envolvida, o Qatar, Emirados Árabes Unidos. Do lado das RSF, o grupo Wagner**

